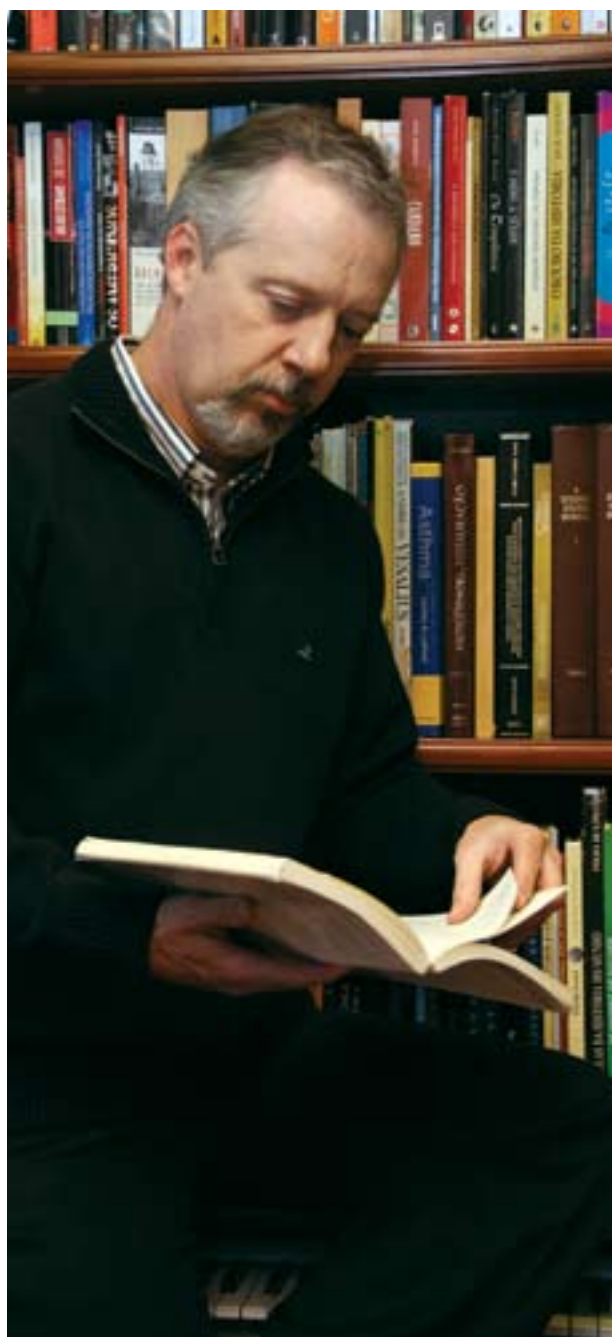




# Dos artigos científicos aos ROMANCES HISTÓRICOS

POR RAPHAEL PEREIRA  
FOTOS DE DRIKA BARBOSA



Todos sabem que sustentar o hábito de ler e escrever é importante para a vida social e profissional de cada um. Para o médico, isso é ainda mais significativo. Além da busca pelo crescimento cultural por meio de livros e revistas, a produção de artigos científicos dá credibilidade ao profissional. Por outro lado, o estudo dos mesmos garante um conhecimento maior sobre determinados assuntos. No caso de Raul Emerich, especialista em Alergia e Imunologia, os artigos científicos tiveram, também, mais uma função: reacender o amor que ele já tinha por romances, em especial os históricos.

*“Meus textos e poemas da adolescência não foram publicados. Talvez seja melhor assim. Muito tem que ir para a gaveta até que o estilo amadureça”*

Raul Emerich é reconhecido na comunidade médico-científica pela publicação de artigos e por ministrar aulas na especialidade de Alergia e Imunologia. Possui um consultório particular em São Bernardo do Campo, no ABC Paulista, mas o atendimento e a atuação como pesquisador associado da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) não o impediram de desenvolver, em paralelo, atividades em outras áreas. Raul também é escritor e, entre seus livros mais recentes, está o elogiado *Cardano: ascensão, tragédia e glória na Renascença Italiana*. A Revista DOC conversou com o médico, a fim de saber como ele concilia as duas práticas.

## **DOC – Como surgiu a ideia de escrever livros?**

**Raul Emerich** – Desde a infância faço textos. Sempre tive paixão por livros, bibliotecas e letras de música. Em suma, tudo relacionado à língua escrita, do Brasil e de outros países. Escrever foi decorrência dessa paixão. Se sua maneira de escrever é elogiada e você recebe convites para escrever mais, isso faz crescer a vontade de continuar e de se sofisticar.

## **DOC – Qual foi a sua primeira produção literária?**

**RE** – Meus textos e poemas da adolescência não foram publicados. Talvez seja melhor assim. Muito tem que ir para a gaveta até que o estilo amadureça, e aquilo que se escreve se torne algo que passe a



valer a pena de ser lido. Meu primeiro livro publicado foi sobre teatro e a arte de produzir uma peça no ambiente familiar. Foi resultado de dez anos de peças teatrais escritas para a própria família encenar, junto com uma discussão teórica sobre este tipo de apresentação em pequenos espaços. Depois, fui contratado para escrever em um site de Medicina direcionado a leigos. A obrigação da regularidade é interessante, pois é escrevendo repetidamente que se percebe o potencial de produzir textos. Em decorrência disso, foi publicado meu segundo livro, que mesclava eventos da História, tema que há muito já me atraía, com as doenças alérgicas (*História e alergia*, da editora Via Lettera).

### DOC – O que veio primeiro: os artigos científicos ou os livros?

RE – Os artigos e as teses de mestrado e doutorado reativaram minha paixão pela escrita e exerceram um rigoroso exercício no uso da língua. Em uma produção científica, cada palavra deve ser usada com critério, para que não haja nenhum mal-entendido. Além disso, o texto deve ser claro, fluente, preciso e objetivo. Não pode haver firulas. A partir daí, a imaginação pode se soltar em uma ficção, mantendo o rigor no uso da língua.

### DOC – Seus pacientes conhecem suas obras? O que eles comentam?

RE – No início, tinha muito receio de partilhar minhas experiências literárias com os pacientes, pois ainda estava me estabelecendo na profissão. Tinha receio de que interpretassem mal esse tipo de iniciativa, tanto que meu primeiro livro foi publicado com pseudônimo. Posteriormente, me tornei um formador de opinião na minha área, dou aulas para médicos, escrevo artigos e vou regularmente a congressos. Agora posso mostrar a todos esse tipo de trabalho. Os pacientes gostaram muito e têm elogiado as obras. O fato de o livro, em especial *Cardano*, ter empolgado adolescentes, pessoas simples e desembargadores letrados, por exemplo, me trouxe uma surpresa: o livro poder ser lido em diferentes camadas, com olhares variados.

### DOC – E seus colegas de profissão? O que acham dessa sua vertente literária?

RE – Meus colegas têm gostado muito também. Entretanto, com um olhar diferente, pois o personagem principal,



Girolamo Cardano, é um médico às voltas com doenças que na sua época apareciam pela primeira vez, como a sífilis, e outras que voltavam com força, como a peste negra. Todas sem tratamento.

### DOC – Como foi a repercussão sobre o livro *Cardano*?

RE – Quando terminei o livro, sabia que tinha um bom produto em mãos. Nem procurei minha editora, que tinha feito meus dois primeiros livros. Parti para uma grande editora. De fato, a primeira que foi contatada gostou do projeto e decidiu produzir um livro de apurada qualidade gráfica. Entretanto, faltava a crítica especializada. Você pode achar que seu livro é bom, mas às vezes um resenhista pensa de forma oposta. Tive a felicidade de receber críticas muito positivas em grandes veículos de comunicação. *Cardano* conseguiu visibilidade. Agora é acompanhar o boca a boca, um lento processo de transmissão da informação que, em se tratando de romance, funciona muito bem.

### DOC – Como surgiu o interesse de retratar um humanista da Renascença?

RE – A história de vida de Girolamo Cardano é arrebatadora. Minha surpresa foi constatar que, nos últimos 400 anos, ninguém tinha se aventurado em uma ficção histórica que contasse a trajetória desse homem. Após conhecer os detalhes da vida dele, suas tragédias, seus sucessos, seus livros – que conquistaram a Europa nos séculos XVI e XVII – me vi frente a frente com o desafio de retratar o dia a dia de um habitante daquela época. Biografia é uma coisa; romance é outra, pois inclui detalhes do cotidiano do personagem. Tudo isso sem aviltar os fatos históricos.

Além disso, identifiquei-me com Cardano porque ele era médico, como eu. Apesar de exercer várias atividades (matemático, astrólogo, escritor, professor etc.), ele se considerava, acima de tudo, um médico. Interessei-me também em retratar as doenças da época, o sofrimento, a maneira como a Medicina olhava para os doentes e discutia os tratamentos. Quando o médico teve que enfrentar o desafio de viajar pela Europa, passou pelos mesmos lugares que eu tinha passado quando “mochilei” na juventude. Uma feliz coincidência.

### DOC – Quão importante foi sua viagem à Itália para pesquisar sobre Cardano?

RE – Por mais que se estude sobre um tema, certos *insights* só acontecem quando viajamos para o lugar. Pegar nas mãos vários livros escritos por Cardano no século XVI foi uma experiência não só emocionante, como me fez alterar alguns detalhes do livro. Ver os tijolos vermelhos da fortaleza em Milão também, além de ir às cidades pequenas da Itália por onde ele passou e ver as colinas, a planície e os cursos de água. Encontrei-me com os diretores do projeto *Cardano*, uma iniciativa acadêmica de retomar o nome do médico de Milão.

### DOC – Como você concilia o trabalho no consultório com os artigos e livros?

RE – Decidi escrever na madrugada. Acorrava às 4 da manhã e escrevia até um pouco antes das 6. O devaneio do autor é necessário, mas não pode interferir com a outra profissão. A arte está em conciliar sem prejudicar. Programei minha viagem de pesquisa na sequência de um congresso de Alergia em Milão. Participei do congresso, escrevi sobre as atualidades em Alergia e depois me desliguei por alguns dias para empreender a pesquisa de campo.

### DOC – Se fosse obrigado a escolher entre a Medicina e a literatura, o que faria?

RE – No momento, seria fácil decidir. Como todo ser humano, preciso de dinheiro. Portanto, continuaria com a Medicina. Minha carreira literária está apenas começando. Pergunte-me novamente daqui a 20 anos e talvez a resposta seja diferente.

### DOC – Quais são seus planos?

RE – Acabo de terminar, após um ano e meio, outro romance histórico que se passa na mesma época de *Cardano*, mas não posso dar mais detalhes. ■